



Dossiê Artes Africanas - Histórias, Perspectivas e Fluxos
Apresentação

Dossier on African Arts - Histories, Perspectives, and Flows
Introduction

Denise Dias Barros¹

Emi Koide²

Lia Dias Laranjeira³

RESUMO: Este texto de introdução ao dossiê “Artes africanas - histórias, perspectivas e fluxos” propõe uma reflexão sobre a complexidade e diversidade das artes em contextos africanos e diaspóricos consideradas, sobretudo, em perspectivas a partir do Brasil. A própria ideia de “arte africana” constitui parte do debate. O entrelaçamento de questões históricas, políticas, antropológicas, filosóficas e estéticas, bem como a multiplicidade das linguagens artísticas - artes visuais, música, artes do corpo e da cena, são abordados nos trabalhos publicados no dossiê.

ABSTRACT: This introductory text to the dossier “African Arts - Histories, Perspectives, and Currents” proposes a reflection on the complexity and diversity of the arts in African and diasporic contexts, considered, above all, in perspectives from Brazil. The very idea of “African art” is part of the debate. The interweaving of historical, political, anthropological, philosophical, and aesthetic issues and the multiplicity of artistic languages - visual arts, music, body, and scenic arts- are addressed in the works published in the dossier.

¹ Docente e orientadora no Programa de pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo onde se dedica às reflexões sobre História da Arte Africana. Foi uma das fundadoras da Casa das Áfricas em 2003. Desde 2010, tem realizado estudos sobre poéticas e linguagens expressivas no contemporâneo, notadamente em contextos do oeste e o norte da África com estudos de campo no Mali, Marrocos e Egito, considerando, principalmente, dinâmicas de significação de culturas expressivas em territorialidades dogon, tamacheque e suas diásporas.

² Professora adjunta do curso de Artes Visuais e do Mestrado Profissional em História da África, Diáspora e Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e pesquisadora sênior associada do Programa Geopolitics and the Arts of Africa do Departamento de Belas Artes da Rhodes University (África do Sul). Coordena desde 2017 o grupo de pesquisa e extensão Áfricas nas Artes.

³ Professora da cadeira de Artes Africanas e Afro-Brasileiras no Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab/Campus dos Malês) e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro/Ufba). Co-coordena o Djumbai-Grupo de Pesquisa em Artes e Patrimônio Cultural Africanos e Afrodiaspórico.



Questionamentos contundentes têm sido crescentes desde a década de 1980 em relação à diversidade, estatutos, presenças/ausências e pluralidade de cânones das criações africanas e afro-diaspóricas tanto em espaços de arte regionais, nacionais, transnacionais como transcontinentais. Nesse período, também emergiram ou se fortaleceram trajetórias de criação, espaços culturais e expositivos em contextos africanos, migratórios e diaspóricos. Compreender África a partir das artes como manifestações de pluralidades - tanto geográficas quanto em suas manifestações em diversas linguagens artísticas - é a proposta deste dossiê que visa reunir textos de pesquisadoras/es, curadoras/es e artistas para refletir conjuntamente sobre as múltiplas estratégias, entrelaçadas e/ou sucessivas, iniciativas e modos de sensibilidades que circulam na atmosfera de criação em contextos africanos e afro-diaspórico, particularmente, brasileiro.

Considerando a diversidade e complexidade das artes africanas, priorizamos as contribuições que enfatizam a circulação de ideias e de criações, trazendo apontamentos sobre as histórias das artes a partir do continente africano e, igualmente, de contextos diaspóricos. Uma vez que, atualmente, grande parte do que se denomina e se reconhece como produção artística contemporânea africana é em larga medida produzida por artistas africanos vivendo na diáspora⁴ - sobretudo na Europa e nos Estados Unidos.

Outra questão que merece reflexões constantes e desdobramentos críticos cuidadosos é a própria noção de objeto tanto de arte africana como de arte afro-diaspórica. Cabe assim, situar os debates contemporâneos no contexto das demandas de repatriação, já que muitas obras de artes clássicas se encontram em museus euro-americanos. Nesse sentido, Peffer⁵ sugere a ideia de arte africana como constituída de objetos na diáspora. No contexto brasileiro, os primeiros escritos sobre arte afro-brasileira de Nina Rodrigues⁶ já apontavam uma parte dos objetos religiosos do candomblé como diaspóricos e, caracterizados, também, como “arte negra”. A análise e descrição dos objetos - sejam eles produzidos no contexto brasileiro por afrodescendentes ou aqueles oriundos do continente africano - pautavam-se na bibliografia e interpretações da arte africana em coleções europeias.

⁴ PEFFER, John, *The Diaspora as Object*, In FARELL, L (ed.) *Looking Both Ways. Art of the Contemporary African Diaspora*, New York: Museum for African Art, 2003.

⁵ PEFFER John, « La diaspora des images de l'Afrique », *Multitudes*, 2013/2 (n° 53), p. 47-58. DOI: 10.3917/mult.053.0047. URL: <https://www.cairn.info/revue-multitudes-2013-2-page-47.htm>

⁶ RODRIGUES, Raimundo Nina. *As bellas-artes dos colonos pretos do Brasil – a escultura*, Kosmos, Revista Artística, Científica e Literária, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 11-16, agosto 1904.



Outros autores como Artur Ramos,⁷ Mário Barata⁸ e Mariano Carneiro da Cunha, seja utilizando a denominação “arte negra” ou “arte afro-brasileira”, também traziam no escopo de suas análises cotejos e aproximações a partir de referências da arte africana produzida no continente e colecionadas e estudadas na Europa. Em contextos mais recentes, várias outras produções e discussões acerca da arte africana no Brasil, entrecruzamentos com a arte afro-brasileira e produções modernas e contemporâneas - com seus impasses, apagamentos e desafios estão presentes.⁹

É necessário observar, que apesar dos avanços e um número crescente de pesquisas sobre arte africana e afro-diaspórica no Brasil, ainda carecemos da tradução de diversos textos chave do campo, bem como de acesso ao trabalho de pesquisadores africanos baseados no próprio continente africano - dado que parte significativa dos estudos disponíveis e acessíveis a partir de plataformas de periódicos em nosso país - mas também globalmente - são pesquisas produzidas e publicadas no Norte Global.

Neste ano de 2023, em que se comemora os vinte anos de aprovação da Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, ainda temos desafios e caminhos a percorrer, notadamente no campo da crítica e história da arte africana. Vale destacar que de acordo com a lei, os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira devem ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Propomos refletir a partir das efervescências das artes africanas enquanto pensamento, expressão de dinamismos e potência, assim como caminhos para diversas narrativas: histórica, política, autobiográfica, antropológica, filosófica e estética - com contribuições de pesquisas realizadas em perspectivas brasileiras, latino-americanas e africanas. Neste sentido, pensamos nas artes africanas de maneira ampla para escapar aos limites das artes visuais, alargando o escopo para a música, as artes do corpo e da cena. As práticas e as produções ultrapassam as classificações fechadas em áreas ou linguagens artísticas, elas conjugam-se de modo integrado em diversas manifestações ou modos de se apresentar.

São diversas as indagações que merecem reflexão. Como operam as traduções entre linguagens e perspectivas entre as artes, as críticas e os textos sobre as artes africanas? Como atentar

⁷ RAMOS, Artur. Arte negra no Brasil. Cultura, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, n. 2, p. 189 - 212, jan./abr. 1949.

⁸ BARATA, Mário. Arte negra. Revista da Semana, Rio de Janeiro, v. 34, p. 16-17, 17 maio de 1941.

⁹ Ver CONDURU, R. África, Brasil e arte – persistentes desafios. ARS (São Paulo), 2021, 19(42), 315-358. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.187482>



para perspectivas transculturais de circulação e ressignificação das artes? Os artigos, ensaios e entrevista que compõem este volume, onze trabalhos, com contribuições do Brasil, Costa do Marfim, Colômbia e Portugal, sinalizam caminhos e circuitos significativos, além de reflexões contundentes.

Em textos que tratam do contexto social das manifestações performáticas e musicais, temos a contribuição de Mahesse Kolé e Stephane Adou sobre o *coupé-decalé*, uma expressão artística popular, centrada na produção musical eletrônica e coreográfica, que nasce na França no início dos anos 2000, no âmbito da diáspora marfinense, e é “repatriada” pela Costa do Marfim. Enquanto Mahesse Kolé analisa as diversas formas de cooperação no âmbito das mediações de atores, lugares, técnicas, modos de produção e recepção, e práticas locais e globais envolvidas na expressão do *coupé decalé*, Stephane Adou reflete sobre a música *spot*, uma variante do *coupé-decalé*, menos midiaticizada e mais comunitária, e sua relação com *brouteurs*, sujeitos que aplicam golpes por meio de um uso desviante da internet.

A cena musical contemporânea em África também é tema central dos artigos de Carolina Goetten e de Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savadogo, em parceria com François Weigel. Carolina Goetten analisa a produção artística das *rappers* Stella Mwangi e Madigolo, do Quênia, Raja Meziane, da Argélia, e Mo'Cheddah e Pryse, ambas da Nigéria. A produção musical destas artistas, baseadas no continente e em diáspora, é analisada a partir da relação estabelecida entre a música, a dança, a vestimenta e suas respectivas histórias de vida, e é entendida como formas de expressões de identidade, autoinscrição, transgressão, ativismo e críticas sociais. Abdoul Hadi Savadogo e François Weigel, por sua vez, analisam as músicas de Georges Ouédraogo (Burkina Faso), Habib Koité (Mali) e Sona Jobartheh (Gâmbia), com atenção aos imaginários e às ações políticas evocadas em suas composições. Os autores abordam as músicas desses/dessa artistas sob o viés da *afrotopia*, noção definida por Felwine Sarr,¹⁰ intelectual e artista senegalês, como “(...) uma utopia ativa que empreende a tarefa, no real africano, de buscar os vastos espaços do possível e de fecundá-los”.

Em uma abordagem histórica e ainda com foco em performances de dança e música, Jhonny Alexander Muñoz Aguilera apresenta reflexões ao analisar os relatos de viajantes europeus dos séculos XV ao XIX, compilados pelo etnomusicólogo sul-africano Percival Kirby, acerca das flautas de pã da região da África Austral. Jhonny Aguilera analisa os preconceitos coloniais e primitivismo expressos nos diversos relatos, bem como as contradições e percepções de valores estéticos complexos tanto na música e dança como na dramaticidade e poética.

¹⁰ SARR, Felwine. *Afrotopia*, Paris: Philippe Rey, 2016.



No entrelaçamento entre música, dança e ancestralidade, o pesquisador Kleber Damaso Bueno e a célebre pesquisadora, dançarina e cantora lírica Inaicyra Falcão, filha de Mestre Didi e neta de Mãe Senhora, estabelecem um diálogo apresentado em forma de entrevista. Nessa parceria entre Inaicyra e Kleber são evocados, dentre outros assuntos, a trajetória da artista, a relação entre sua produção artística e a ancestralidade africana vivenciada em casa, no terreiro e na Nigéria e o diálogo retroalimentado entre conhecimento científico e empírico. Também com foco nas culturas e estéticas afro-brasileiras, o artigo de Lucas Benatti e Tereza Terya reflete sobre a arte e identidade afro-brasileira, consideradas de modo não essencialista, tendo em vista a história dos múltiplos deslocamentos no Atlântico Negro e a configuração de novos agenciamentos, resistências, hibridações e formas estéticas frente aos apagamentos e silenciamentos insistentes da violência da colonialidade.

Também a partir da perspectiva das artes visuais, desta vez produzida na África do Sul, Carolina Tornich analisa a produção de Willie Bester, artista da Cidade do Cabo, que tem trabalhado, sobretudo, com materiais descartados e pinturas, muitas vezes, em composições mistas, e abordado temas relacionados à memória das *townships*, da violência colonial e do *apartheid*, especificamente. Em diálogo com o contexto da violência colonial e do racismo de Estado, o artigo de Luiz Gustavo G. A. Alves sobre o *Acervo Nosso Sagrado* e o movimento social *Liberte o Nosso Sagrado* se insere em um debate internacional voltado para a questão da repatriação de objetos sagrados saqueados, na qual envolve processos de dominação sobre povos, territórios, culturas e seus objetos materiais. Neste trabalho, Luiz Gustavo aborda o processo complexo de transferência desse acervo até então sediado no Museu da Polícia do Rio de Janeiro para o Museu da República, localizado na mesma cidade.

No campo da literatura, Camilo Domingues analisa a obra *A mulher de pés descalços* da escritora franco-ruandesa Scholastique Mukasonga, na perspectiva da autoetnografia entrelaçando narrativas individuais e coletivas, em que uma linguagem híbrida do francês e *kinyarwanda* revela a realidade cotidiana social, histórica e cultural, o protagonismo feminino, bem como o episódio do exílio tutsi no contexto da guerra civil dos anos 1960. Nessas narrativas se revelam críticas através da ironia à colonização e à construção de categorias raciais que culminaram com o genocídio nos anos 1990.

Recuperando ideias e textos acerca da arte africana como filosofia, do poeta e primeiro presidente do Senegal, Léopold Sédar Senghor, pelo filósofo Souleymane Bachir Diagne, Ana Rocha propõe uma reflexão através da ideia de tradução horizontal em perspectiva não essencialista das contribuições do pensamento senghoriano e de Diagne (2019), em que devemos “testar o que dizemos



filosoficamente numa língua pelo seu deslocamento [...] em outra língua” (testing what we say philosophically by this displacement [...] into another language). Assim, por meio de reflexões sobre circulações, traduções, expressões e diferentes linguagens artísticas, esperamos que o dossiê possa contribuir com novas aberturas, diálogos e deslocamentos no vasto campo de estudo das artes africanas e afro-diaspóricas.

Referências Bibliográficas:

BARATA, Mário. Arte negra. *Revista da Semana, Rio de Janeiro*, v. 34, p. 16-17, 17 maio de 1941.

CONDURU, R. África, Brasil e arte – persistentes desafios. *ARS (São Paulo)*, 2021, 19(42), 315-358. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.187482>

DIAGNE, Souleymane Bachir. Decolonizing the History of Philosophy. In: Anton Wilhelm 2017, Amo Lecture, University of Hale. Hale, 53 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UyBohqmP_Q4

PEFFER, John, The Diaspora as Object, In FARELL, L (ed.) Looking Both Ways. *Art of the Contemporary African Diaspora*, New York: Museum for African Art, 2003.

PEFFER John, « La diaspora des images de l'Afrique », *Multitudes*, 2013/2 (n° 53), p. 47-58. DOI: 10.3917/mult.053.0047. URL: <https://www.cairn.info/revue-multitudes-2013-2-page-47.htm>

RODRIGUES, Raimundo Nina. As bellas-artes dos colonos pretos do Brasil – a escultura, *Kosmos, Revista Artística, Científica e Literária, Rio de Janeiro*, ano I, n. 8, p. 11-16, agosto 1904.

RAMOS, Artur. Arte negra no Brasil. *Cultura*, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, n. 2, p. 189 - 212, jan./abr. 1949.

SARR, Felwine. *Afrotopia*, Paris: Philippe Rey, 2016.